

Irene Lisboa - ou a intimidade como sinal de vida

Há muito anos, José Rodrigues Miguéis pôde vaticinar que quando a mais-valia do tempo tivesse em definitivo cristalizado a sua obra de audácia e reticência, de anseio e pudor, «*Irene Lisboa seria, toda ela, um documento humano de irrecusável pungência e beleza: e nenhuma obra de ficção poderá perdurar mais nem melhor do que as angústias que ela nos faz sentir e adivinhar*». O tempo passou, decorreram muitos anos sobre a sua morte física, e a obra literária de Irene Lisboa (1892-1958), na humildade da sua grandeza, está agora a ser reeditada na série das «Obras Completas», com o entusiasmo e rigor crítico de Paula Morão. É uma obra que está bem viva, na forma de intimidade e verdade que definiu muito bem o trajecto ou a aventura literária da autora de *Contarelos*, fechada no individualismo do próprio drama humano que soube transportar pela vida fora e fez dela um dos maiores escritores deste século.

De facto, Irene Lisboa é uma prosadora que, vivendo em tempos de infortúnio e de miséria fascista que mais e sempre sobressaltaram a sua alma de Mulher sensível e simples, atenta ao mundo em que viveu e por isso soube captar desse tempo penumbroso um retrato amargurado e pungente, doloroso em muitas circunstâncias, ao longo de uma vida que só o não foi de coisa nenhuma por ter sabido preenchê-la, no aparente vazio do seu universo literário, com a profunda humanidade de um saber estar nesse mundo e ter olhos para ver, ouvir e não calar, nunca calar, reinventando o mistério da vida e revalorizando o que tantas vezes não pôde ser valorizado, por ter desde o início da sua aventura criadora, como já disse Oscar Lopes, «*a preocupação dominante de não traír a vida por amor à arte, pela convicção de que a única obra de arte definitiva é a totalidade da vida humana*».

Mas, apesar de nos últimos anos ter crescido o interesse pela obra da autora de *Solidão*, a verdade é que ainda não foi de todo vencida a barreira de silêncio ou de esquecimento que envolve toda a sua obra, embora a edição em curso dos seus livros (de que *Solidão II* é o décimo título a ser incluído nesta edição das "Obras de Irene Lisboa") possa e deva consentir que os leitores de hoje se aproximem e descubram os segredos e prazer da leitura, porque no conjunto da sua obra, a autora de *Uma Mão Cheia de Nada* bem merece ser permanentemente colocada na primeira linha da nossa literatura, como um dos poucos escritores portugueses que conseguiram, com uma persistência tão corajosa e uma generosidade sem limites, redescobrir o amor das coisas simples, do dia-a-dia sem história, dos próprios actos fugazes ou na aparência quase sem importância de um quotidiano vivido em sobressalto. A apreensão lúcida e desapiedada na fixação dos matizes que o sol da vida a todo o instante clarifica, a virilidade quase masculina e o atrevimento de captar, crua e corajosamente, tantíssimas vezes, a realidade de uma vida suportada com heroísmo e arrogância, sempre em solidão, tudo isso faz a grandeza de uma Mulher que nasceu para a literatura, de uma Escritora que foi vencida pela «fada má» da sua estrela, mas soube suportar tudo como remédio talvez para as grandezas tornadas misérias de um dia e outro dia, deixando uma obra literária feita de generosidade e de amor pelos outros, repetimos, onde o que é vivido poucas vezes se transfigura através de um processo literário que se relaciona mais com a sua própria intimidade do que com a literatura no sentido em que esta se entende (e aceita) tantas vezes, sem fazer grande sentido. Mas a verdade é que a obra de Irene Lisboa, sendo o retrato exacto de uma vida mártir-e-glória-de-si-mesma, atinge momentos raros de expressão humana vivida e sentida por dentro, é a transposição em termos precisos e verdadeiros de um mundo construído na amargura dos dias, na existência de uma alma apenas entregue a si própria, vivendo as dores e sofrimentos de toda a gente do mundo que a rodeava, solidária e solitária, acabando por erguer uma obra à imagem e semelhança da sua vida.

Mas, sendo os dois volumes de *Solidão* uma «obra única e um belo documento de literatura humana», na opinião crítica de Gaspar Simões, é interessante salientar que, em plena época de crise, onde todos os valores do espírito se negociavam em desapiedadas e tremendas intrigas políticas, Irene Lisboa teve a coragem de enfrentar e suportar, com profunda e serena altivez e humildade, a certeza de ser uma *alma despaisada* na própria terra e no meio dos seus contemporâneos. E, quando em 1974, nesse ano primeiro de um País em liberdade, como no fundo Irene Lisboa sempre desejou e confessou aos poucos amigos que andaram na sua roda, se publicou a primeira edição de *Solidão-II*: um livro que, sem surpreender muita gente, é a obra de uma escritora que, num tempo bem diferente e sem liberdade de expressão, pudera mesmo assim manifestar todos os anseios, desesperos e alegrias, porque acreditava num mundo melhor e mais justo, feito à imagem e semelhança dos homens.

Como o seu primeiro livro do mesmo título, publicado em 1939 com o pseudónimo de João Falco e o subtítulo de «Notas do Punho de Uma Mulher», *Solidão-II* é uma espécie de *diário íntimo*, onde Irene Lisboa, na sua habitual linguagem directa e sincera, dá a conhecer novos fragmentos íntimos e literários da sua personalidade de escritora. As duas partes mais importantes deste livro, «Queixa» e «Deploração», revelam-se como duas partes de um todo que não está apenas nestas páginas de *Solidão*, mas se reparte e se faz ouvir em muitos outros dos seus livros que agora têm sido reeditados. Repositório de impressões ao longo de uma vida de sofrimento e desilusão, enfim, de abandono e entrega a si mesma, Irene Lisboa fala de histórias amargas e humanas em redor de uma sentida e reinventada solidão, denotando esse travo amargo de uma Mulher que, ao queixar-se de si própria, se queixa afinal das queixas do mundo e da vida que tanto lhe pesaram. É realmente um livro admirável se se pensar no tempo em que foi escrito, mas que ainda nos propõe uma leitura renovada e actual de um mundo lisboeta fechado em si mesmo, mas cuja leitura confirma, custe a quem custar, estar Irene Lisboa viva e presente a nosso lado, por direito

próprio, na primeira linha dos grandes escritores que é urgente reler ou conhecer. E, tal como observa Paula Morão no final do prefácio a esta edição, devemos lembrar que, «*compondo em forma sequencial este livro de final de vida, os textos assim ordenados cerram a obra sobre o melancólico signo da intimidade e da auto-análise que nunca deixou de lhe servir de pano de fundo*» e «*por entre os escolhos da fraca tradição desses escritos entre nós, a obra de Irene ergue-se como uma pedra-de-toque inquestionável*».

Serafim Ferreira

IRENE LISBOA

SOLIDÃO II, 2ª. edição

Prefácio de Paula Morão

Ed. Presença / Lisboa, 1999.